

O Corpo e a motricidade humana

Importa falar de Descartes, reacender cinzas tão apagadas? Perguntará o leitor contaminado pelo vírus do racionalismo utilitário, ou até frenético, apressado, como convém a um tempo onde perdura, de facto, a ditadura do efêmero. Mas se recuarmos até ao determinismo mecanicista (presente em muitas metodologias do treino desportivo), que dominou toda a ciência moderna; se remexermos na ideologia do progresso técnico-industrial, que faz da natureza (e do trabalhador) um objecto de persistente exploração; se apelarmos ao radical onde assenta a sociedade de mercado (que já contaminou o próprio desporto de alta competição); se buscarmos as causas porque o eu penso e o eu sou se identificam, no capitalismo, e a razão se reduziu à sua função dianoética, operativa e instrumental; se viajarmos pelo problema que é a mente descorporalizada - em todo este cenário, Descartes avulta como o seu filósofo mais representativo.

Descartes é, sem dúvida, o representante de uma certa ordem do mundo e do saber (porque não chamar-lhe burguesa?) onde tudo se pretendia estático e intemporal, de acordo com os desígnios do capitalismo amanhecendo. Procurando uma ciência universal e uma linguagem unificadora dos saberes (como estamos longe do conflito das interpretações de Paul Ricoeur), num mundo essencialmente matemático; fundamentando a economia de mercado, ao fazer da razão uma razão calculadora; criando o moderno dualismo antropológico de onde nasce a educação física, que não deveria confundir-se com a educação intelectual - não se pode esconder a presença de Descartes e de Locke e dos iluministas, na ciência e na filosofia e até nas palavras e nos gestos de todo o desporto moderno. Keith Davlin, no seu livro "Goodbye Descartes - the end of logic and the search of new cosmology", com tradução em língua portuguesa, de 1999, observa: "No caso da investigação sobre a racionalidade humana, a visão dualista cartesiana está de tal modo enraizada na psique do homem ocidental do século XX, que qualquer teoria que desafie essa visão está condenada a passar um mau bocado" (p.336). Por isso, é tão difícil explicar ao Ministério da Educação porque a educação física decorre da separação alma-corpo e esta, por seu turno, do dualismo social que a burguesia criou. Porque o ser humano é corpo-mente-natureza-sociedade e desejo e sonho, num permanente anseio de transcendência; porque a uma revisão desapaixonada a natureza não é um relógio, mas um caos imprevisível; porque as ciências romperam hoje com o passado, revelando os segredos do átomo, desvendando a molécula da vida e criando o computador electrónico; porque a educação motora, ou seja, a educação de pessoas em movimento intencional, deverá confundir-se com um alegre inconformismo, diante de qualquer tipo de injustiça social - a motricidade humana, ou melhor, a ciência da motricidade humana, não só deverá substituir a educação física, como deverá apontar a uma sociedade mais fraterna e mais justa. E porquê? Porque a motricidade humana, isto é, o corpo em acto, defende o termo de todos os dualismos, principalmente os políticos. Para nós, a competição não passa de um convivente cotejo entre opiniões discordes, padrões em controvérsia, amigos que fraternamente se encontram.